

Somos todos iguais, ainda que muito diferentes

No primeiro quarto em que bati o olho, vi uma menina deitada, olhando fixamente para mim. O dormitório era simples, porém muito bem cuidado. Não tivemos a oportunidade de aproximação com os pacientes, dos quais muitos estavam em hospitais ou em sessões de quimioterapia.

A cuidadora da casa nos contou, um tempo depois, a história da mesma menina em que havia reparado. A jovem tem 16 anos e está com câncer generalizado no corpo, e, por causa disso, está perdendo a audição e indo desta para uma melhor. "Ela adora rosa e tenho muito carinho por ela. Uma vez ela estava com frio, então levei a ela luvas, uma touca e um cobertor rosa. Ela estava muito fraca e como estava com dificuldade de falar, abriu um enorme sorriso no rosto".

Essa história realmente me comoveu e pensei que qualquer um de nós, independentemente da raça, condição social e financeira, poderia estar naquela situação. Por isso, nesses momentos, os pequenos gestos de amor e carinho fazem toda a diferença. É na simplicidade dessas atitudes que nos encontramos verdadeiramente, já que nos tornamos cada vez mais humanos e damos um sentido à nossa vida.

A solidão realmente deixa o ser humano mais triste. As condições de saúde, bem-estar e higiene, apenas, não conseguem tornar uma pessoa feliz. É preciso, portanto, dedicar parte de nosso tempo para contribuir com a felicidade do outro, daquele que precisa.

As pessoas em dificuldades fazem parte de nosso cotidiano, da sociedade, de nosso mundo. Devemos levar para a vida o exemplo que essas pessoas nos dão: apesar de tudo, não devemos desistir, é preciso, nessas horas, ter força, esperança e fé. Diante de tudo isso, precisamos nos lembrar: todos nós somos seres únicos, seres diferentes, mas, ao mesmo tempo, iguais.

Gustavo Chula, 8º C, 20016.